

A ARTE DE ALFREDO VOLPI – UM ESTUDO SOBRE O INÍCIO DA SUA FASE MODERNISTA

Fabiana Lopes Bazili¹

Letícia Britto²

Maristani Polidori Zamperetti³

Resumo: Buscando ampliar o conhecimento sobre o artista Alfredo Volpi 1896-1988, este trabalho pretende relatar as fases mais importantes da sua vida artística, como também apresentar a sua importância para a modernidade na arte brasileira. Pretendemos discutir a questão: quando começou a modernidade em suas obras e qual foi a sua trajetória até chegar à modernidade? Como fundamentação teórica foi utilizado o livro Volpi do autor Lorenzo Mammi (2001).

Palavras-chave: Modernidade. Alfredo Volpi. Arte Brasileira.

A partir de observações de aulas de professores da rede pública de Pelotas, realizadas durante as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado I e III, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, assim como em socializações de experiências entre os colegas ocorridos nas mesmas disciplinas, foi possível perceber que as obras do artista Alfredo Volpi eram trabalhadas em sala de aula, porém, na maioria das aulas observadas, as obras utilizadas pelos professores eram as *bandeirinhas*. Estas reproduções geralmente eram apresentadas aos alunos nas datas festivas de São João, na época das festas

¹ Autora do artigo. Pós-Graduanda em Ensino e Percursos Poéticos pela UFPel;

² Co-autora do artigo. Pós-Graduanda em Ensino e Percursos Poéticos pela UFPel;

³ Orientadora do artigo, professora do Centro de Artes. Mestre em Educação, Acadêmica de Doutorado em Educação pelo PPGE/FAE/UFPel.

juninas, em função de serem as bandeirinhas elementos característicos destas festas.

Acreditamos que a série das *bandeirinhas* é de grande valor e importância para a produção de Volpi, assim como para a Arte Brasileira, porém cabe lembrar que este artista pintou outras obras de igual valor e importância, que não devem ser esquecidas. Assim, este artigo tem como objetivo discutir o início da modernidade nas obras de Alfredo Volpi, buscando divulgar o seu trabalho e ampliar o conhecimento sobre a sua obra. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, baseada no livro “Volpi” de Lorenzo Mammi. Em vista da ausência de datas é impossível ter dados exatos sobre o início da fase modernista nas obras de Alfredo Volpi, pois este artista autodidata percorreu diversas fases, como o Romantismo e o Impressionismo, até chegar a Modernidade.

De acordo com Mammi (2001), Alfredo Volpi nasceu em Lucca na Itália, em 14 de abril em 1896, terceiro filho de Ludovico e Giuseppina Volpi. No ano seguinte, a família Volpi emigra para São Paulo e se estabelece no Ipiranga, onde Ludovico abre uma pequena venda de queijo e vinho. Alfredo estuda na escola italiana do bairro e, ainda criança, começa a trabalhar como marceneiro-entalhador e encadernador. Em 1911, torna-se pintor-decorador. Mammi aponta uma paisagem de 1914 como sua primeira pintura de cavalete. Em 1917, visita a polêmica exposição de Anita Malfatti em São Paulo⁴.

Em 1918, executa, juntamente com Orlando Tarquinio, um trabalho de decoração para o hospital Militar do Ipiranga. Segundo um depoimento de Volpi, era uma decoração em claro-escuro, imitando o estuque.

Volpi pinta dois quadros da irmã na máquina de costura, bastante semelhantes, exceto por uma leve mudança no ângulo de visão. O quadro em que a irmã aparece pintada de perfil (Fig. 1) foi um dos primeiros quadros vendidos por Volpi. Conforme descrição de Mammi, a obra

⁴ Em sua exposição, Anita Malfatti apresenta obras onde combina a “liberdade moderna cultivada na Alemanha”, as obras expostas não buscavam a representação verossímil, ganhando desta forma um sentido mais interpretativo. Com isso, a artista se opunha à crítica nacionalista aos modelos importados de representação. Por este motivo sua exposição se torna alvo de duras críticas e de uma reação violenta às linguagens modernas. As posições contrárias às vanguardas de origem européia, que têm como maior expoente Monteiro Lobato (1882 - 1948), consideram a exposição um desperdício do talento de Anita, que se entregava a estrangeirismos deslumbrados e mistificadores. (Fonte: Itaú Cultural)

em que a irmã é vista de costas, é todo em tons de marrom e de ocre, de uma densidade pastosa. A composição por planos solidamente cortada é movimentada, tanto dentro do quarto como fora da grande janela, por sutis matizes luminosos, que tem sua culminância nos reflexos castanhos e brancos dos cabelos e da veste da mulher. Talvez seja o melhor trabalho de figura de Volpi, nessa primeira fase. O outro retrato, com a irmã de perfil, é construído segundo linhas onduladas, de uma elegância um tanto fácil, conforme o gosto vagamente Art Nouveau dominante no Brasil da época. (2001, p.11).



Figura 1: Volpi. Minha irmã costurando. déc. de 10/20
Fonte: MAMMI, 2001

Para identificarmos em que obras Volpi inicia sua fase modernista, é importante analisarmos suas pinturas, comparando as pinceladas e características formais. No início da década de 20, podemos perceber obras com características românticas, a obra intitulada *Paisagem com carro de boi* (Fig. 2), por exemplo, que os catálogos da Pinacoteca do Estado de São Paulo datam de 1922.



Figura2: Volpi. *Paisagem com carro de boi*. déc. de 20
Fonte: MAMMI, 2001

Conforme observação de Mammi, as pinceladas presentes na obra

[...] já não são individualizadas, mas se fundem numa pintura gordurosa, com predominância de tons quentes com dominante ocre. A árvore retorcida à esquerda e a curva ampla da estrada são típicos recursos românticos para conferir movimento à composição. Já não se trata, de uma pintura de observação, e sim de uma cena construída teatralmente, graças aos recursos pictóricos que remetem à escola de Posillipo, Volpi os aproveita com uma economia e uma precisão notáveis. Ele já é, provavelmente o melhor paisagista brasileiro dessa tendência, mas ainda não é um pintor moderno. (2001, p.11).

Em 1925, Volpi expõe pela primeira vez numa coletiva no Palácio das Indústrias de São Paulo. Em 1927 conhece Benedita da Conceição (Judith), com quem se casaria em 1942.

Existem dúvidas de quando começa a modernidade de Volpi, de acordo com Mammi (2001), Volpi não datava nem dava títulos para seus trabalhos, pois para ele em nenhum momento a pintura seria decorativa, Volpi tinha a pintura como

[...] uma prática que não poderia ter outra função a não ser a de resolver problemas de pintura. Por isso ela é nitidamente separada de qualquer tipo de utilidade exterior – seja a veiculação de um significado, seja a decoração de um espaço. Pintar é resolver questões de forma, linha e cor dentro da superfície retangular da tela

– todo o resto é irrelevante. Os quadros de Volpi nem datas trazem, como se até elas não passassem de anedotas. (2001, p. 8).

Devido a ausência de datas, é impossível ter respostas exatas do início da fase modernista nas obras de Volpi. No entanto, o Museu de Arte Moderna de São Paulo possui um retrato Mulata, que, se for correta a data que lhe é atribuída, 1927, pode ser considerada como ponto de referência. Provavelmente a modelo do quadro Mulata do MAM-SP, é Judith, sua esposa, modelo de várias outras obras de Volpi. O esquema estrutural dessa figura é complexo e apresenta características próprias da pintura modernista, onde não há mais a busca pela representação realista, rompe-se o conceito de belo e a utilização da perspectiva. O rompimento do uso da perspectiva tornam a figura da Mulata não realista, porém única e original. Outra obra que remete a modernidade é *A marinha com cavaleiro*. Ambas podem ser consideradas pinturas modernas, pois apresentam pinceladas diferentes das pinturas românticas de Volpi, assim como da pintura concreta e sintética das séries *Fachadas*, *Cataventos* e *Mastros e Bandeirinhas*.

As pinceladas rápidas do “Cavaleiro” e as deformações da “Mulata” não desempenham uma função imediatamente expressiva: são os meios mais simples e eficazes para realizar, no primeiro caso, uma fusão perfeita entre figura e paisagem, e para conciliar, no segundo movimentos contrastantes numa figura unitária. É evidente que Volpi já não estava preocupado com a reprodução naturalista de um modelo, e sim com questões formais que não se dão na natureza e para as quais o modelo oferece apenas um pretexto. Em ambos os quadros, o pintor evitou a tinta compacta de suas obras românticas, mas não voltou a pincelada rápida dos primeiros trabalhos. Os traços agora coincidem com o que representam: não evocam volumes - *tem volume*; não se limitam a sugerir maior ou menor densidade na figuração - *são mais ou menos densos*; não buscam o movimento - *mexem-se*. (2001, p. 13).

Esta literalidade, exatidão é também um elemento moderno e dos mais fundamentais. No caso da Mulata, pode derivar das telas modernistas de Di

Cavalcanti e Anitta Malfatti⁵, podemos perceber elementos parecidos nelas como, por exemplo, a proximidade da pose da *Mulata* de Volpi (fig.3), com a pose da obra, *Mulatas* de Di Cavalcanti (fig.4), assim como os tons de cores parecidos usados no quadro *Mulata* de Volpi e *Retrato de Maria* de Cavalcanti, (fig.5).

A *Marinha com Cavaleiro* (fig. 6) ao contrário, lembra a pintura fauve e não parece provir de modelos brasileiros, não pelas cores usadas, mas sim devido ao fato de que os elementos que compõem a pintura se situam praticamente no mesmo plano, assim como acontece nas pinturas de Henri Matisse (figuras 7 e 8).

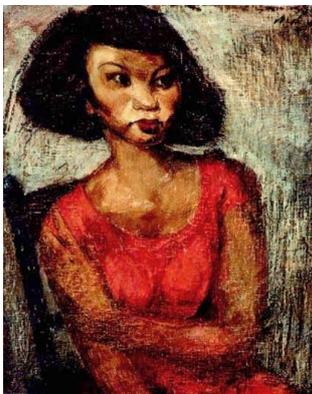


Figura 3: Volpi. *Mulata*. c. 1927
Fonte: MAMMI, 2001

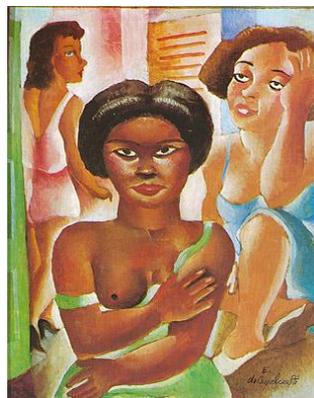


Figura 4: Di Cavalcanti. *Mulatas*. 1927
Fonte: www.itaucultural.org.br



Figura 5: Di Cavalcanti. *Retrato de Maria*. 1927
Fonte: www.itaucultural.org.br



Figura 6: Volpi. *Marinha com Cavaleiro*. c. 1928. Fonte: MAMMI, 2001

⁵ Anita Malfatti (1889-1964) e Di Cavalcanti (1897-1976) foram artistas que possuem um papel de destaque no modernismo brasileiro. Organizaram e apresentaram suas obras na Semana de 22, junto com Menotti Del Pichia (1892 - 1988), Oswald de Andrade (1890 - 1954) e Mário de Andrade (1893 - 1945)

Autodidata em artes tornou-se membro do Grupo Santa Helena nos anos 1940, onde conheceu o pintor paulista Ernesto de Fiori, que iria influenciá-lo de maneira decisiva. Em 1939, depois de uma viagem a Itanhaém, no litoral sul paulista, Volpi começou a pintar paisagens *marinhas*. Participou do 7º Salão Paulista de Belas-Artes em 1940.

Em 1948, Volpi começa a pintar as séries das *Fachadas*, (fig. 9), e assim dá início a sua passagem pelo Concretismo, que se reforça em meados da década de 50, segundo Mammi (2001) esta fase de Volpi é considerada distintamente entre os críticos de Arte. Para os artistas e os críticos que apoiavam o movimento do Concretismo, as obras de Volpi foram uma adesão importante ao grupo. Para outros, é considerado um momento de experimentação que afastou temporariamente o pintor do filão principal de sua arte. As melhores telas concretas de Alfredo Volpi não expressam idéias que se tornam realidades, e sim realidades que se tornaram idéias. Caso típico é o *Cata-vento*, (fig.10), quadro que foi exposto na Bienal de 1955, que realiza a síntese entre figurativo e abstrato, assim como as *bandeirinhas* (figuras 11 e 12), que marcam um novo tipo de organização espacial. A série das *bandeirinhas figuras* prenuncia o fim da fase concretista de Volpi, que o *Cata-vento* abrija, considerada sua maior contribuição para a Arte brasileira. As bandeiras são compostas por formas discretas, dispostas ao longo de linhas paralelas.

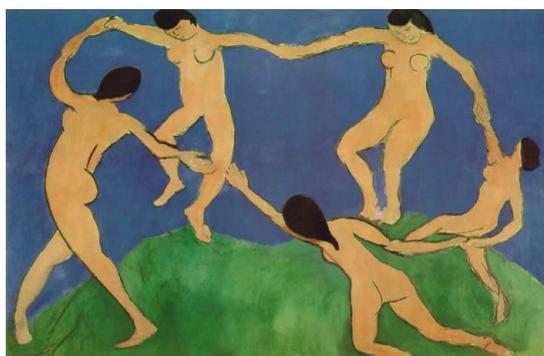


Figura 7: H. Matisse. *Dança*. 1910
Fonte: [http:// www.henri-matisse.net](http://www.henri-matisse.net)



Figura 8: H. Matisse. *Espanhol Still*
Fonte: [http:// www.henri-matisse.net](http://www.henri-matisse.net)



Figura 9 : Volpi. *S/ Título*. Série Fachadas. déc. de 50
Fonte: MAMMI, 2001

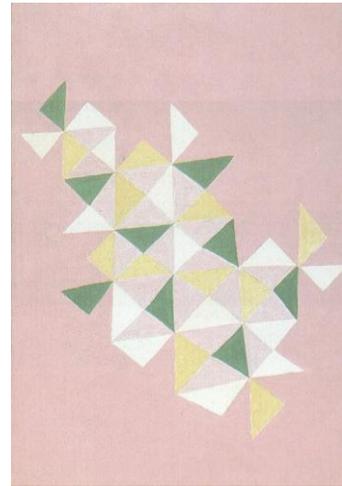
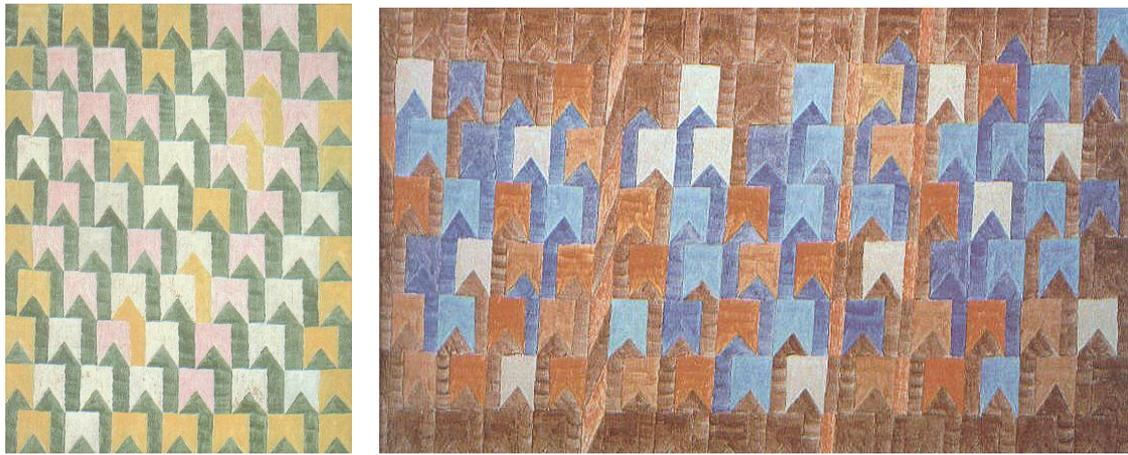


Figura 10: Volpi. *Cata-Vento*. déc. de 50
Fonte: MAMMI, 2001

Em relação à sua técnica, Volpi passa a fazer suas próprias tintas, depois de dominar a técnica da têmpera com clara de ovo, o artista nunca mais usou tintas industriais – "elas criam mofo e perdem vida com o passar do tempo", dizia (MAMMI, 2001). As tintas eram diluídas em uma emulsão de verniz e clara de ovo, em que ele adicionava pigmentos naturais purificados (terra, ferro, óxidos, argila colorida por óxido de ferro) e ressecados ao sol.

Treze anos depois, ganhou o prêmio de melhor pintor brasileiro, na 2ª Bienal de São Paulo. A partir daí, tornou-se um pintor famoso. Bienal de Veneza, várias retrospectivas (exposições com a obra do autor) em museus e galerias, precederam a exposição Volpi 90 anos, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no aniversário do artista, dois anos antes de sua morte.

Ao longo de quase um século de existência, Volpi passou por várias fases, recebeu influências de pintores impressionistas e clássicos como Cézanne, Giotto, Ucello, encontrando seu próprio caminho. Volpi criou sua própria linguagem na pintura e evoluiu naturalmente das representações de cenas da natureza para produções mais intelectuais, concebidas em seu estúdio.



Figuras 11 e12: Volpi. *S/ Título*. Série Bandeiras e Mastros. Déc. de 60; 70, respectivamente
Fonte: MAMMI, 2001

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir do assunto abordado neste artigo, podemos concluir que apesar de Alfredo Volpi ter sido um homem quase iletrado, foi um pintor de grande importância para a Arte brasileira. O pintor utiliza cores únicas em suas obras que as caracterizam, desde os tons de ocre até os rosas, verdes e azuis “bebês”. Sua principal contribuição à Arte Brasileira foi a série das *bandeirinhas*, assim, é de grande importância que estas obras sejam trabalhadas em sala de aula. Porém, cabe lembrar que as demais obras de Volpi também podem e devem ser apresentadas aos alunos, pois são de igual valor e importância para os estudos sobre a Arte brasileira.

Por este motivo este artigo buscou investigar mais sobre o início da fase modernista nas obras do artista, visando divulgar as demais obras do artista. A partir da investigação feita, podemos concluir que apesar da falta de exatidão das datas das obras *Mulata* e *Marinha com cavaleiro*, estas representam a principal produção modernista de Volpi, levando em conta suas características formais. Ao serem comparadas com obras de outros artistas do Modernismo brasileiro, como por exemplo, Di Cavalcanti, podemos perceber pinceladas, cores e formas de composição semelhantes, presentes nas pinturas dos dois artistas. É possível notar também, em *Marinha com cavaleiro*, características da pintura fauve, vanguarda que exerceu influência no Modernismo brasileiro.

O modernismo de Volpi é um modernismo da memória, afetivo e artesanal.

REFERÊNCIAS:

MAMMI, Lorenzo. **Volpi**. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1999.

VOLPI. Imagens disponíveis em: MAMMI, Lorenzo. Volpi. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1999.

DI CAVALCANTI. Imagens disponíveis em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=671>

Acesso em: 21 de junho de 2011.

MATISSE. Imagens disponíveis em: <<http://www.henri-matisse.net>>

Acesso em: 25 de junho de 2011.